

Universidade de Brasília  
Instituto de Letras  
Departamento de Teoria Literária e Literatura

**O PROFESSOR MEDIADOR E O AMOR PELA LEITURA COMO UM ATO  
REVOLUCIONÁRIO**

**Heloisa Santos Grandini Silva**

Brasília  
2021

HELOISA SANTOS GRANDINI SILVA

**O PROFESSOR MEDIADOR E O AMOR PELA LEITURA COMO UM ATO  
REVOLUCIONÁRIO**

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura do Instituto de Letras da Universidade de Brasília para a obtenção do título de Licenciado em Letras, no curso de Letras: Língua Portuguesa e Respectiva Literatura. Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Trindade Nakagome

Brasília

2021

Para uma melhor versão de nós e para todos aqueles com quem eu pude aprender que a literatura é entre tantas coisas um ato de liberdade e amor.

A Covid-19 alcançou a lamentável marca de 608 mil mortes no Brasil, presto aqui a minha solidariedade às famílias que perderam seus entes queridos na pandemia.

## **AGRADECIMENTO**

Quero expressar a minha gratidão a todas as pessoas que acreditaram em mim e em especial aos meus pais e irmãos, que foram os meus maiores incentivadores. Sou eternamente grata a todos os meus professores, que acreditaram e seguem acreditando que é dentro da sala de aula que construímos a esperança de um mundo melhor. Sendo assim, o meu mais sincero MUITO OBRIGADA vai para todos os meus professores. Sou eternamente grata por me mostrarem o caminho da reflexão, e por me mostrarem que estamos em constante evolução e crescimento. Somos o que somos apenas por um tempo, alguns precisam de mais tempo para aceitar a evolução, mas no momento seguinte, já somos diferentes do que éramos. Também quero expressar aqui a minha gratidão por essa pessoa incrível, Patricia Nakagome, sem sua ajuda eu não teria me levado a sério em vários momentos. Estou concluindo formalmente essa etapa, gratidão a todos que contribuíram diretamente para elaboração deste projeto final, sem o apoio e disposição, não seria possível a conclusão deste projeto.

Obrigada aos meus querido colegas da Universidade, por todas as risadas, momentos de descontração, pelas caronas e por todos os momentos de seriedade e de estudo. E obrigada à mãe natureza, por tudo com que tem me agraciado.

A leitura tem o poder de despertar em nós regiões que estavam até então adormecidas. Tal como o belo príncipe do conto de fadas, o autor inclina-se sobre nós, toca-nos de leve com suas palavras e, de quando em quando, uma lembrança escondida de manifesta, uma sensação ou um sentimento que não saberíamos expressar revela-se com uma nitidez surpreendente.

(Michèle Petit)

A literatura pode ser entendida como resultado de um uso especial de linguagem que, por meio de diferentes recursos, sugere o arbitrário da significação, a fragilidade da aliança entre o ser e o nome. No limite, ela encena a irredutibilidade e a permeabilidade de cada ser, pois participa de uma propriedade da linguagem: a capacidade de simbolizar e de, simbolizado, simultaneamente afirmar e negar a distância entre o mundo dos símbolos e o dos seres simbolizados

(Marisa Lajolo)

## RESUMO

Este trabalho surge da necessidade de repensar as práticas de mediação literária, aplicadas pelos professores em sala de aula, que estão cada vez mais cristalizadas, bem como a discussão sobre as possibilidades de uma mediação capaz de produzir condições reais do encontro entre o jovem leitor e a leitura dos clássicos, mostrando para aos alunos um caminho prazeroso com a palavra literária. Tendo em vista que o professor segue sendo o maior responsável por incentivar o interesse dos alunos pela leitura, quando falamos especificamente do gênero literatura, como aponta a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil de 2019*. A fundamentação teórica deste trabalho irá se apoiar nos estudos feitos por Marisa Lajolo, Daniel Pennac, Michèle Petit e Eliana Yunes acerca da formação de novos leitores e da participação dos mediadores como principais personagens nesse processo e, será possível esboçar uma proposta tangível para os professores mediadores, posteriormente, elucidar os objetivos e resultados que podem ser esperados ao compartilhar leituras e ideias com os estudantes, também será abordando a teoria da Recepção, a partir de Regina Zilberman e Hans Robert Jaus. O aprofundamento teórico nos permitirá novos encaminhamentos metodológicos que auxiliem aos professores mediadores a se desvencilharem das abordagens tradicionais, proporcionando aos alunos um maior envolvimento com a literatura clássica.

**Palavra chave:** Professore mediador; Teoria da Recepção; Círculos de Leitura,; Novos Leitores

## **ABSTRACT**

This work arises from the need to rethink the practices of literary mediation, applied by teachers in the classroom, which are increasingly crystallized, as well as the discussion about the possibilities of a mediation capable of producing real conditions for the encounter between the young reader and reading the classics, showing students a pleasant path with the literary word. Bearing in mind that the teacher is still the most responsible for encouraging students' interest in reading, when we talk specifically about the literature genre. The theoretical foundation of this work will be supported by the studies done by Marisa Lajolo, Daniel Pennac, Michèle Petit and Eliana Yunes about the formation of new readers and the participation of mediators as main characters in this process, and it will be possible to outline a tangible proposal for teachers mediators will subsequently elucidate the objectives and results that can be expected when sharing readings and ideas with students, will also be addressing the theory of reception, from Regina Zilberman and Hans Robert Jaus. The theoretical deepening will allow us new methodological approaches that help mediating teachers to disentangle themselves from traditional approaches, providing students with greater involvement with classical literature.

**Keyword:** Mediator teacher; Reception Theory; Reading Circles; New Readers

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>I - As motivações .....</b>	<b>12</b>
<b>II - O Mediador.....</b>	<b>14</b>
<b>III - A Estética da Recepção.....</b>	<b>18</b>
<b>IV - Círculos de leitura.....</b>	<b>22</b>
<b>V - A mediação na prática .....</b>	<b>26</b>
<b>VI - Considerações Finais.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>



## **Lista de tabelas**

Leitor por idade.....12

Principais Motivações para ler um livro.....13

## INTRODUÇÃO

Busco demonstrar inúmeras vezes que a teoria não está distante da realidade escolar na qual o professor está inserido, abordando relatos de experiências, deste modo, a teoria será entrecortada pela minha própria experiência como mediadora de leitura, no projeto Residência Pedagógica. Deste modo, as ideias poderão ser aprimoradas ou modificadas a fim de direcionar outros trabalhos. Logo, a intenção é movimentar a discussão sobre as práticas de mediação na sala de aula, traçando caminhos mais interessante para o aluno e também para o docente.

Quando pensamos em literatura em sala de aula, seja no ensino médio ou no fundamental, esse processo, não constitui uma tarefa simples, pois trilhar um caminho atrativo de iniciação a leitura literária em sala de aula depende, principalmente do professor, gosto dela pela leitura, dedicação e preparo. E esse fator estrutural, como a formação docente deficitária na graduação de literatura, é uma das muitas questões que levam à precariedade do ensino de literatura, mas não é o único problema que podemos apontar, quando os próprios professores priorizam o estudo linguístico-gramatical e de produção textual em detrimento da literatura; as metodologias tradicionais baseadas nos manuais didáticos com uma concepção conteudista e enciclopédica do ensino da literatura. Todos esses problemas são secundários uma vez que o maior problema está no gosto pela leitura, como aponta Lajolo (1993, p. 108):

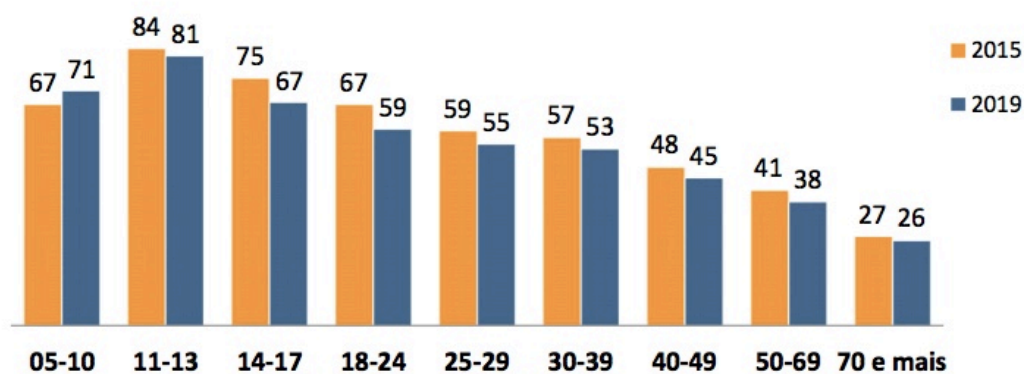
Os caminhos precisam ser outros. A discussão sobre leitura, principalmente sobre a leitura numa sociedade que pretende democratizar-se, começa dizendo que os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons leitores. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê. E esse não é, infelizmente o perfil comum do professor.

Podemos notar esses resultados precários demonstrados em pesquisas como *Retratos da Leitura no Brasil de 2019* que aponta para um dado alarmante: menos da metade dos leitores no Brasil são estudantes. Além desses fatores, os estudos acerca da prática de leitura nas escolas, inúmeras vezes apresentam-se distantes da realidade

escolar e de difícil aplicação, já que em sua maioria, não são produzidos por profissionais que atuam efetivamente na educação básica.

## I - As motivações

As aulas de literatura, dentro do contexto escolar, são momentos singulares, e é por meio da interação professor-aluno e da relação de ambos para com o texto literário, que se pode promover o despertar dos estudantes para a beleza estética da arte e seu caráter transformador na vida social. Contudo, ainda que importante, o que notamos é que grande parte dos professores não é bem sucedida nesta tarefa ou que o “sucesso” desse processo vem sofrendo com graves problemas quando falamos do ensino fundamental II e piora no ensino médio, como mostra a tabela de “Leitor por idade” a seguir:



2019	11,7	6,5	9,8	13,8	8,7	18,2	12,2	16,6	2,7
2015	11,4	7,6	11,9	15,0	9,4	17,7	12,4	16,4	2,5

Se compararmos com os dados de 2015, a única faixa etária que apresentou aumento no número de leitores foi de 5 a 10 anos de idade, que passou de 67% para 71%. Os dados da pesquisa revelam que as crianças são as que leem mais livros de literatura, por vontade própria e com mais frequência. Já nas faixas etárias de 14 a 17 anos e de 18 a 24 anos, ocorre o processo inverso, são as que apresentam maior percentual de queda de leitores, de 8 pontos percentuais, conforme os dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil de 2019*.

Esse dado fica ainda mais claro quando falamos da motivação para ler, 48% dos leitores entre 5 e 10 anos de idade indicam o gosto pela leitura como principal fator.

Percentual esse que vai diminuindo significativamente, chegando aos 17% na população entre 18 a 24 anos. A partir dessa faixa etária, passam a apontar o crescimento pessoal e a atualização cultural ou conhecimento geral como motivos para a leitura.

## PRINCIPAL MOTIVAÇÃO PARA LER UM LIVRO por Faixa Etária

2019	TOTAL	FAIXA ETÁRIA								
		5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 59	70 e mais
Base: Leitores	4270	437	255	388	587	398	760	581	739	125
Gosto	26	48	33	24	17	22	22	23	25	10
Crescimento pessoal	17	6	11	13	21	22	21	25	14	9
Distração	14	11	15	22	17	11	12	9	13	17
Atualização cultural ou Conhecimento geral	13	4	9	10	14	14	16	15	16	16
Aprender algo novo ou desenvolver alguma habilidade	11	13	18	18	13	16	7	6	8	18
Motivos religiosos	9	2	1	2	5	6	12	12	20	23
Exigência escolar ou da faculdade	4	12	11	10	5	4	1	1	1	0
Atualização profissional ou exigência do trabalho	4	0	1	1	9	5	7	7	3	1
Não sabe/Não respondeu	1	4	0	1	0	0	0	1	1	5

Após delinear alguns pontos, a questão que aqui se apresenta busca pensar a leitura em sala de aula por meio de elementos essenciais, com intuito de ajudar a construir práticas eficazes que possam permanecer em constante movimento. Para tanto, pensaremos nas tendências dos professores do Ensino Infantil que utilizam muito a contação de histórias em suas práticas. Entretanto, o que podemos notar é há uma gradual perda, no decorrer das séries finais do ensino fundamental, dessa relação com o universo narrativo que as crianças até chegam a ter contato, mas vão se distanciando, até que o gosto pela leitura seja enfim ceifado no ensino médio.

Então, a grande pergunta é: “Se as crianças gostam de ler, por que estamos perdendo leitores conforme vão ficando mais velhos?” Um dos motivos, como foi apontado anteriormente, está ligado a mediação em sala de aula, deste modo, busco trabalhar com dois pontos, a mediação voltada para os textos clássicos e o perfil do mediador. Dado isso, a minha pesquisa irá versar com Pennac, propondo a leitura em sala de

aula, levando em consideração e respeitando as leituras espontâneas de cada aluno. Deste modo, repensar o ensino de literatura e buscar uma nova dinâmica de leitura, voltada para suas mais diversas possibilidades, e, tornando possível despertar no aluno um dos eixos fundamentais da leitura, o prazer de ler.

No processo de leitura, é necessário levar em consideração o conhecimento prévio do aluno, uma vez que o mesmo precisa estabelecer uma ligação entre o saber adquirido no seu dia-a-dia com os conhecimentos que obtém durante o processo ensino aprendizagem. Mas para que isto aconteça, o docente precisa dispor de estratégias de leitura que venham contribuir para que o aluno desperte em si o desejo de ler e assim tornar o livro "vivo".

Logo, os círculos de leitura/leituras em sala de aula, podem contribuir de maneira significativa para promover o incentivo à leitura, uma vez que a intenção com essa prática é movimentar ideias e promover diálogos a partir de leituras compartilhadas entre um mediador e diversos leitores, e desse modo, ainda que minimamente, contribuir para o trabalho de profissionais da educação que desenvolvem, ou querem iniciar essa prática de leitura, disseminando alternativas e teorias que dão suporte ao mediador.

## **II - O Mediador**

Pra compreender melhor o função do mediador, é necessário, primeiramente, saber que tipo de leitor somos, quais são os livros que gostamos, quais histórias nos comoveram e nos deixaram inquietos, e porque escolhemos certas obras em detrimento de outras tantas. Essa tomada de consciência é fundamental, uma vez que o mediador é responsável por fazer com que os leitores percebam o prazer na leitura, de modo a encantar quem irá participar da leitura, e que o interesse de ler seja um consequência desse processo do encantamento. Nas palavras de Michèle Petit:

Para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor. Poderia se esperar que esse gosto acontecesse naturalmente nos círculos onde o livro é um objeto familiar. (2013, p. 161 e 162)

Sendo assim, ao mediador cabe a função de estreitar a distância entre os novos leitores e texto escolhido, tendo em mente que cada novo leitor vai construir suas coxões e redes de interpretação, uma vez que a literatura é um campo livre. De acordo com Lajolo:

Como entre tais coisas e tais outros incluem-se também livros e leitores, fecha-se o círculo: lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela. (1993, p. 7)

Fazendo um paralelo com essa ideia de Lajolo, Michèle Petit (2013, p. 43) afirma:

Ao compartilhar a leitura, cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita-se abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal.

Todo mediador terá a sua forma de trabalhar com as impressões dos leitores diante de um texto, e é relação que irá tornar possível a constantes movimentações de ideias e a trocas que é uma parte importante do círculo de leitura. Assim, se faz necessária uma cumplicidade entre o docente e o aluno, proporcionando ao estudante a vontade de se expressar sem o peso do medo da interpretação “correta”. Mas é necessário que o professor tenha em mente que diante da leitura e da discussão, ele não é o detentor de todo o saber, e assim aceitar opiniões distintas da sua, tal como é papel do mediador estabelecer pontos de encontro entre as mais variadas leituras que surgirão, de modo a deixar claro para o estudante o quão vasto pode ser um texto literário.

Dentro do espectro de manifestações artísticas, a literatura é uma das expressões da subjetividade do homem, sendo assim, ela possibilita a emancipação e a transformação dos seres humanos e da sociedade. Candido (2011) afirma que a literatura tem um papel humanizador:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma ao homem aqueles traços que reputamos essenciais, o exercício da reflexão, aquisição do saber, a disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para natureza, sociedade, e o semelhante (CANDIDO, 2011. p. 182).

Para Candido, a humanização abrange vários aspectos, como a possibilidade de a reflexão, compreensão e apreciar a complexidade do mundo, assim como nos permite uma aproximação com o outro, deste modo, percebendo outras possibilidades acerca da vida. Sobre isso Todorov afirma:

Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. ( TODOROV, 1939. p. 24) .

Portanto, podemos afirmar que a literatura pode contribuir para o processo de humanização do leitor, bem como é capaz de permitir o prazer com o envolvimento emotivo. Partindo desse pressuposto, fica evidente a importância da Literatura na emancipação e humanização do homem. Michèle Petit também aborda esta questão, enfatizando que, por meio da literatura, podemos humanizar o outro, uma vez que, os textos literários nomeiam uma personagem singular, e acabam gerando uma identificação e emocionando o leitor, já as narrativas históricas falam de pessoas anônimas ou de números abstratos. Assim, ao realizar a leitura de textos literários, somos capazes de descobrir como somos próximo das outras pessoas, logo, construímos um círculo de pertencimento mais amplo, que se estende “[...] para além do parentesco, da localidade, da etnicidade.” (PETIT, 2013. p. 95). No entanto, é preciso compreender que a leitura é



limitada, Ainda no livro *Os jovens e leitura*, Petit lembra que a leitura por si só não torna as pessoas virtuosas, segundo a antropóloga, podemos citar na história diversos exemplos de tiranos e perversos que são letrados. Manter o hábito de ler é importante, principalmente quando mostra ao indivíduo que:

[...] ler pode fazer com que a pessoa se torne um pouco mais rebelde e dar-lhe a ideia de que é possível sair do caminho que tinham traçado para ela, escolher sua própria estrada, sua própria maneira de dizer, ter direito a tomar decisões e participar de um futuro compartilhado, em vez de sempre se submeter aos outros. (PETIT, p. 100).

Então, fica evidente que a literatura dentro do processo do ensino pode viabilizar a humanização do leitor, a autonomia do ser humano, e também, nos mostrar a possibilidade do prazer com o envolvimento emotivo. E é diante dessa percepção que podemos pensar na teoria da recepção uma vez que a Estética da Recepção atribui ao leitor grande importância, Como podemos notar nesse trecho da Regina Zilberman (2008, p. 92):

A Estética da Recepção assume a perspectiva do leitor, portanto, conforme sua denominação sugere, ao considerar que é ele quem garante a historicidade das obras literárias. Em decorrência do fato de o leitor não deixar de consumir criações artísticas de outros períodos, essas se atualizam permanentemente. Conforme Jauss anota, uma obra “só se converte em acontecimento literário para seu leitor”; portanto, é esse sujeito que afiança a vitalidade e continuidade do processo literário.

Assim dizendo, a obra literária não pode se realizar sozinha, somente na interação entre ela e o leitor, relação essa que Jauss dá o nome de relação dialógica. As experiências anteriores do leitor fazem parte de um constructo cultural do qual o leitor não pode se desvencilhar e que acaba por interferir na recepção de uma criação literária particular. Assim como os textos, os leitores carregam uma história de leitura, e a construção dessa história se dá a partir da relação da literatura e com os outros textos escritos. Ou seja, essa relação dialógica, é um encontro de histórias de leituras,

onde o leitor incorpora à sua própria história a leitura do texto e também de todos os seus elementos. Já o texto, *agrega à sua identidade de obra literária a leitura desse leitor, que fará uma decodificação específica do texto a partir de sua matriz pessoal e cultural.* (ZILBERMAN, p. 92, 2008)

### **III - A Estética da Recepção**

A Estética da Recepção foi o questionamento teórico levantado por Robert Jauss em 1967 na aula inaugural na Universidade de Constança. Onde Jauss elabora uma crítica sobre a forma como é abordada a história da literatura, refletindo sobre os métodos de ensino tradicional. Jauss elabora a sua crítica no fato de que a teoria literária organiza as obras conforme as tendências gerais, ora trata das obras individualmente de maneira cronológica, ora “seguindo a cronologia dos grandes autores e apreciando-os conforme o esquema de ‘vida e obra’ ” (JAUSS, 1994, p.7). Essa segunda tendência trata do estudos dos autores canônicos clássicos e não reconhece ou deixa espaço para os autores menores. E ao seguir essa tendência, a história de literatura não contempla o lado estético da criação literária uma vez que a “[...]qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório no desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção [...]” (JAUSS, 1994, p.7)

Os fundamentos da teoria da recepção de Jauss está dividida em sete teses, mas de acordo com Zilberman (1989), podemos compactar em dois grupos, onde as quatro primeiras têm características de premissa e as três últimas apontam para a ação. A primeira tese aborda à historicidade da literatura, mas sem a conexão dos fatos literários, e sim ao diálogo que existe entre o leitor e a obra literária, diante disso Regina Zilberman (1989, p. 33) acredita que “A relação dialógica entre leitor e texto [...] é o fato primordial da literatura, e não o rol elaborado e depois de concluídos os eventos artísticos de um período.” Ou seja, a historicidade literária vem de encontro com a atualização da obra literária.

A segunda tese de Jauss (1994) afirma que a recepção é determinada pelo saber prévio desse público, ou pelo seu horizonte de expectativa, e que a disposição desse

mesmo público está acima da compreensão subjetiva do leitor. A outra possibilidade que é apresentada pela literatura vai de encontro com as experiências que o leitor possui. Uma nova leitura traz consigo a expectativa, faz ressurgir lembranças dos lidos anteriores e *“conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão”*. (JAUSS, 1994, p. 28) Partindo desse pressuposto, a recepção se transforma em um fato histórico e social, uma vez que os comportamentos individuais compõem uma leitura ampla do grupo em que homem está inserido e também aproxima as leituras dos outros homens que vivem a mesma época, isso quando falamos do conjunto dos fatores que constituem a sua história e que condicionam seu comportamento. (COSTA, 2011) Diante dessa questão, Jauss afirma:

O horizonte de expectativa de uma obra, que assim se pode reconstruir, torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo ela produz seu efeito sobre um suposto público. Denominando-se distância estética aquela que medeia entre horizonte de expectativa preexistente e a aparição de obra nova – cuja acolhida, dando-se por intermédio da negação de experiências conhecidas ou da conscientização de outras, jamais expressas, pode ter por consequência “mudança de horizontes” -, tal distancia estética deixa-se objetivar no espaço das relações do público e do juízo da crítica (sucesso espontâneo, rejeição ou choque, casos isolados de aprovação, compreensão gradual ou tardia) (JAUSS, 1994, p. 31).

A concepção de horizonte de expectativas é um dos pilares da teoria de Jauss e abrange o limite do que é visível e está sujeito a transformações e mudanças, a partir do ponto de vista do leitor. (COSTA, 2011) A primeira reação do leitor à obra é de responsabilidade do horizonte de expectativa, uma vez que se encontra na consciência individual como um saber construído socialmente e de acordo com o código de normas estéticas e ideológicas de uma época.

Da segunda tese, podemos destacar o fato de que esse método busca mais do que a apresentação de grandes textos literários. É necessário partir do conhecimento prévio do aluno, de modo a usufruir todas as suas leituras de mundo até chegar, ao novo, que teoricamente seria o desconhecido, no entanto após esse processo, torna-se mais fácil e agradável. Portanto, o foco é aquilo de a obra literária encontrar um horizonte preexistente e interagir com ele, podendo acarretar modificações no estabelecido ou

demorar a surtir efeito.

A terceira tese demonstra que o texto pode ser capaz de saciar o horizonte de expectativas do leitor ou poderá causar o efeito de estranhamento e o rompimento desse horizonte, de maneira mais acentuada ou mais leve, e assim construindo uma nova percepção da realidade. A expectativa do a realização de fato é denominada por Jauss de “distância estética”, que é responsável por definir “o caráter artístico de uma obra literária”. (JAUSS, 1994, p. 31).

O horizonte de expectativas do leitor precisa se ajustar ao horizonte possibilitado pelo texto, para que assim seja possível haver uma quebre dos limites de seus horizontes e criar assim a possibilidade de expansão de outros horizontes. A chamada “distância estética” é a distância entre as expectativas do leitor e a realização delas, o que influenciará no caráter artístico da obra. (COSTA, 2011) O horizonte de expectativa irá mudar com o passar do tempo, uma obra que antes era novidade acaba tornando-se comum e sem aspectos atrativos para os próximos leitores e é por isso que Jauss percebe que as grandes obras serão aquelas capazes de alcançar o leitor de todos os tempos, fazendo que as leituras sejam sempre novas leituras em momento histórico.

Na quarta tese, Jauss examina as relações atuais entre o texto e a época de sua publicação, tentando perceber qual era o horizonte de expectativa do leitor atual e quais foram os aspectos que a obra atendeu desse público. Por meio desse análise e do diálogo com a época primeira, a história é capaz de recuperar a historicidade do texto literário. Para Jauss:

A tradição da arte pressupõe uma relação dialógica do presente com o passado, relação esta em decorrência da qual a obra do passado somente nos pode responder e “dizer alguma coisa” se aquele que hoje a contempla houver colocado a pergunta que traz de volta de seu isolamento (JAUSS, 1994. p. 40).

Então, podemos dizer que há um diálogo entre as leituras possíveis da obra dentro da época de foi publicada e como ela é concebida ao ter sido lida, possibilitando um encontro produtivo de sentidos, sem se esquecer dos aspectos diacrônico e sincrônico da relação que existe entre obra e leitores.

Nas próximas três teses, podemos perceber um caráter metodológico, em que Jauss pressupõe o estudo da obra literária por meio do fator sincrônico, diacrônico e de fatores que estão relacionados com a vida e a literatura. No que diz respeito ao aspecto diacrônico que seria a quinta tese, podemos dizer que é abordado a partir da recepção da obra literária ao longo do tempo e deve ser analisada de forma a dialogar com as leituras anteriores, e não somente no momento da leitura. O pressuposto diacrônico é o responsável por demonstrar que o valor de uma obra literária pode ir além da época da sua publicação e o novo não é uma característica histórica e estética que conduz à análise. A dimensão histórica ocorre por meio da contemplação diacrônica somente quando não é deixado de considerar a relação da obra com o contexto literário no qual ela teve de se impor quando ao lado de outras obras de outros gêneros.

A sexta tese trata do aspecto sincrônico, buscando pelos elementos externos do texto e a relação entre o leitor e a obra literária, e trata da relação com as obras que circulam na mesma época. A partir da percepção de Jauss, podemos perceber que o fator sincrônico é importante para a compreensão de um aspecto da historiografia da literatura, uma vez que a evolução literária ocorre com a comparação de obras de um mesmo período histórico, e prioriza um gênero em comparação a outros contemporâneos. Entre as duas últimas teses aqui abordada, existe um ponto de diálogo entre a diacronia e sincronia, diálogo esse que ocorre durante o processo de compreensão da obra literária.

A sétima e última tese trata da relação entre literatura e a vida, e prevê um aspecto social para a criação literária, uma vez que o seu caráter emancipador, pode propor novas percepções para o leitor no que tange a experiência estética. A experiência estética da literatura surgiria da possibilidade de nela se visualizar a prática cotidiana de modo diferenciado. (COSTA, 2011)

Dentro da perspectiva da recepção, o leitor tem um papel primordial, pois um dos pilares dessa teoria é a interação que existe entre o leitor e o texto literário. Mesmo que a interpretação não dependa totalmente do leitor, dado que a interpretação é estimulada pela obra literária e por aquilo que ela apresenta, ainda que o interlocutor

construa os sentidos de acordo com suas próprias experiências. Ou seja, a teoria da recepção poderia servir como aporte teórico para os professores, de modo a contribuir para uma reflexão válida no que tange à literatura, uma vez que atribui ao leitor a devida importância e refletir profundamente na sua formação. Deste modo, pensamos em criar leitores ativos, que suscitam debates, que façam reflexões sobre a obra lida, que possam ampliar seus horizontes de expectativas.

#### **IV - Círculos de leitura**

Na maioria dos círculos de leitura que eu fiz durante a Residência pedagógica, pude notar que os alunos gostam de ler, talvez uns mais que outros, mas gostam de ler e principalmente gostam de ouvir alguém falando sobre suas leituras, entretanto, as vezes que eu propus algum tipo de produção de resumo ou de fichas dos livros, percebi que a devolutiva foi bastante negativa. Ou seja, o professor precisa mais do que ter uma técnica definida, é preciso que o mediador demonstre o quanto gosta da proposta de leitura que foi levada para o círculo de leitura, e não por meio da obrigação, ou por que vai ensinar alguma coisa, é importante trazer uma leveza e vemos ler porque a leitura do texto proposto será boa e prazerosa.

Que os alunos leem pouco, essa questão não os professores não duvidam, até porque as pesquisas demonstram exatamente isso, mas o que os professores/mediadores fazem com essa situação? Somos professores que lemos? Ou apenas dizemos para nossos alunos que é importante ler? Dentre os objetivos do professor mediador, se faz necessário estimular as leituras para que elas sejam compreensivas e críticas, buscar criar um ambiente dentro dos círculos de leitura que vá fazer com que os alunos estejam mais receptivos a novos textos, provocar novas reflexões com relação as leituras efetuadas em relação ao seu próprio horizonte cultural, transformar horizontes de expectativas.

Como foi apontado pela pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil de 2019*, as crianças gostam mais do contato com a leitura literária, uma vez que ficam fascinados com as histórias contadas pelos professores, com as leituras e conversas sobre os livros, mas quando falado do ensino médio percebemos que a leitura se torna um tormento, pois

está fortemente vinculada a obrigações como o vestibular e ENEM. Ou seja, Pennac e os pedagogos nos deixam um grande ensinamento, a necessidade de tirar o peso da obrigação pela obrigação, é preciso deixar claro que a leitura por si só é um aprendizado, uma vez que cada leitor sabe o quanto pode custar, algumas vezes, chegar ao final de um longo romance, ou mesmo como pode ser triste e duro a separação após o fim de um livro. Logo, o estímulo também é fator primordial e também tem um caráter motivacional relevante. As leituras não são construídas do nada e para nada, provocar a leitura é, diante da realidade que nos encontramos dentro e fora das escolas, papel do mediador. Ler um livro por obrigação, provavelmente, somente alcançará um objetivo, ainda que essa não seja a intenção do professor, ele afastará o leitor do universo literário. Assim, é preciso retirar o caráter opressor e obrigatório da leitura.

Tratar a leitura de modo mais leve, sem tantas obrigações, não é de modo algum minimizar a relevância das avaliações, É importante e necessário trabalharmos as questões que tangem a interpretação e produção textual, entretanto, será que temos que fazer todas as aulas de literatura deste modo? Por isso, busco a ideia dos círculos de leitura, onde podemos debater as opiniões e pontos dos textos e com isso elaborar, juntos, professor mediador e aluno, as mais diversas interpretações da obra lida. É inquestionável que tal direcionamento faz parte das aulas de Língua Portuguesa, entretanto isso não precisa e não deveria ser um impedimento para as outras disciplinas abrirem um espaço para discutir leituras, uma vez que seja possível relacionar a leitura com as matérias lecionadas pelos professores.

Um direcionamento que pode ajudar efetivamente os professores formadores de alunos leitores está relacionado às pesquisas acerca da leitura e da recepção dos textos. O docente precisa estar sempre pesquisando, “ser curioso” e buscar por caminhos novos, ou seja, cabe ao professor buscar distintos direcionamentos para poder trabalhar a leitura. Existem soluções que podem está mais próximas, tais como cursos online, oficinas, congressos, ou mesmo através das mídias sócias podemos trocar ideias com outros professores, compartilhar os mais diversos métodos e atividades. Cabe também ao professor acompanhar a leitura dos seus alunos, o que eles estão lendo e quais são os títulos. *“Não é apenas para iniciar a leitura, para legitimar ou revelar um desejo de ler, que o papel de um iniciador aos livros se*

*revela primordial. É também, mais tarde, no acompanhamento do trajeto do leitor.”* Michèle Petit (2013, p. 166) Ainda que o título de escolha do aluno possa parecer não recomendado, é necessário que o professor aproveite esse ponto de partida, pois está aí a abertura necessária para o docente indicar outras leituras, com base no que o aluno demonstra gostar, e se faz necessário, respeitar a história de leitura do seu aluno, sem desprezar o que já foi lido anteriormente. O ato de ler implica a memória, a história de vida e lugares, ou seja, pensamos paralelamente nas identidades e alteridades quando falamos de formação de novos leitores.

Diante dessa questão, Petit (2013, p. 167), ao descrever o papel do mediador na formação de novos leitores, acredita que o mediador é “aquele que lhe dá uma oportunidade de alcançar uma nova etapa”. Logo, um dos aspectos fundamentais para iniciar a prática de círculo de leitura é estar disposto a inovar, independente de métodos. Tornar-se um professor mediador é contribuir positivamente para a formação de novos leitores. Então, podemos afirmar que trabalhar com a formação do leitor é também aceitar os direitos que Pennac postulou em seu livro *Como um romance*, isso é dizer, é preciso pensar nos limites do sujeito leitor, para que os processos inconscientes possam dar espaço para uma construção mais consciente de uma identidade, que seja partícula e universal, e assim podemos ser capazes de ampliar a leitura de mundo.

Para desenvolver um círculo de leitura, onde o professor pode realmente incentivar a leitura de textos literários, é necessário que o docente compreenda os objetivos e a funcionalidade dessa prática. Durante a Residência pedagógica que ocorreu em na escola Cef Dr<sup>a</sup> Zilda Arns, que ocorreu entre os anos de 2018 a 2020, eu tentei seguir os ideias de Eliana Yunes, pois foi a pesquisadora com quem mais me identifiquei, ainda que na época do projeto eu tenha pensado mesmo na teoria. Além desse aspecto, Yunes abordar o tema dos círculos de leitura de maneira simples e clara.

Em seu livro *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados*. Eliana Yunes esclarece que:

Nos círculos de leitura todos se acham em igual distância de um centro, que nunca é o professor, mas o texto, o filme, o



quadro, a crônica, a reportagem, o documentário que se lê. O papel de coordenação, o espaço que une os pontos, é ocupado por um leitor-guia, figura que mobiliza, provoca, costura as demais falas, sem fazer prevalecer a sua própria. Com ele, o círculo se delinea. (YUNES, 2009, p.80)

Partindo desse postulado, podemos notar que a maior importância está no texto, mas cabe ao mediador do círculo de leitura tornar esse momento um espaço atrativo, que segundo a autora “põe em movimento a consciência crítica que predispõe à cidadania.” (2009, p. 85) Para Michèle Petit, quando estamos falando de jovens rodeados por um meio no qual o medo do livro prevalece o mediador possui um papel fundamental, nesse sentido,

A partir daí, compreendemos que o iniciador ao livro desempenha um papel chave quando um jovem vem de um meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo de revelar esse desejo (PETIT, 2013, p. 148).

No projeto da Residência Pedagógica, foi exatamente essa a minha sensação, quando eu estava em sala de aula eu podia perceber que havia algum tipo de fobia ao livro, talvez por se tratar de uma escola em um local de pouca acessibilidade, por falta de contato com o livro propriamente dito. Para tentar quebrar essa ideia, trabalhei com os círculos de leitura, pois foi uma proposta que me auxiliou na formação como mediadora, uma vez que me deparei com atividades tão intensas quanto foi para os alunos ao serem iniciados na “fantasia do mundo literário”. Os círculos de leitura podem estabelecer uma relação com muito profundidade com literatura, em que consegui trabalhar com liberdade, diálogo e criticidade. Essa prática une os leitores, além de dar oportunidade da descoberta do prazer em ler.

Existem alguns aspectos dessa prática que precisam ser respeitados, mas não existe uma receita pronta, algumas dicas vão ser úteis, e outras tantas não serão aplicáveis, mas podemos sempre testar, modificar e aprimorar sempre.

## **V - A mediação na prática**

A primeira roda de conversa que eu fiz com os meninos do 9 ano “C”, fez toda diferença, pois foi um trabalho de continuidade com a mesma turma, uma vez que foi da vontade de participar novamente que a prática pode alcançar os objetivos. Os círculos de conversas ocorriam uma vez na semana durante as aulas de PD (Projeto Diversificado) – Português, o local variava, ora fazíamos os encontros na biblioteca, ora no pátio da escola. Uma prática que surpreendeu muito os alunos foi não avisá-los que a próxima aula seria de leitura. Organizávamos as cadeiras em roda ou semicírculo, também havia uma cadeira no centro da roda. Antes de começar qualquer leitura, eu fazia a apresentação do livro, do autor e de todos os detalhes que fossem enriquecer a leitura, logo em seguida eu colocava o livro no centro da roda para que ao terminarmos a atividade os alunos pudessem dar uma olha individualmente. Outra questão indispensável é a necessidade que todos participantes estivessem com uma fotocópia do trecho que iríamos fazer a leitura.

A escolha do local e a preparação do ambiente são muito importantes, pois a harmonia entre o leitor e o espaço influencia consideravelmente a leitura. Todas as vezes que eu escolhi um local muito aberto e muito movimentado, como o jardim da escola, eu tive alguns problemas com a atenção dos alunos, ou seja, a atividade funcionou melhor em ambientes mais controláveis, menos movimentado e mais calmo. Após essas etapas, íamos para a leitura do texto, feita geralmente por mim mesma, a menos que alguém pedisse para ler, ou caso tivéssemos algum convidado. A leitura era feita pausadamente, vez ou outra eu pontuava alguns aspectos interessantes do texto ou mesmo colocava algumas questões, no intuito de provocar os alunos no que tange o desenrolar da narrativa. De forma alguma fazíamos uma leitura por obrigação sempre que ofereci um texto, foi como sugestão e levando em consideração a opinião do aluno. Acredito que foi dessa maneira que eu conquistei um número maior de alunos que estavam dispostos a fazer comentários e compartilhar suas leituras anteriores.

Antes de começar as práticas é necessário que o mediador tenha feito uma preparação, pois é na preparação da leitura que podemos perceber quais elementos do texto podem ser trabalhados durante a leitura com o grupo, mas também é preciso estar aberto para que novas possibilidades surjam durante o momento de leitura. Não é produtivo

engessar a proposta da leitura, as ideias podem mudar ao longo da leitura, isso vai ficar claro quando eu exemplificar um dos meus círculos de leitura. Dentro das preparações, eu busquei refletir sobre a primeira tese de Jauss, em que ele fala sobre o diálogo do leitor e o autor, estabelecendo uma relação histórica da obra com a atualidade. Quanto à escolha do texto, esse momento temos que levar em consideração muitos aspectos, pois muito provavelmente teremos diferenças entre os leitores, então pensar na recepção do texto para cada leitor é de extrema importância, saber o que seus alunos consomem de literatura é extremamente necessário. A escolha do texto vai implicar diretamente no desenvolvimento do trabalho no que tange à formação dos leitores. No caso dos círculos de leitura que eu fiz durante o período em que estive na escola, busquei trabalhar com os textos clássicos, na tentativa de promover o encontro com os autores canônicos que fazem parte do nosso acervo cultural, uma vez que os alunos haviam me contado que pouco tinham lido algo da nossa literatura, mesmo os textos mais contemporâneos foram pouco explorados. Então, minha estratégia nos círculos começou com a exploração do que os alunos já tinham lido, pois, como está dito na segunda tese de Jauss, é preciso estabelecer uma relação entre obra e leitor. Logo, foi explorado o conhecimento prévio do aluno. E foi por meio dessa estratégia que eu pude estabelecer essa conexão e assim corresponder ao horizonte de expectativa do leitor.

Após esse momento inicial, havia a proposta das novas leituras, e desta maneira chegávamos ao desconhecido e assim buscávamos romper os horizontes de expectativa do leitor e deste modo, contribuir para construção de uma nova maneira de perceber as nuances que não percebíamos antes, como está postulado na terceira tese de Jauss. Então, busquei fazer um tipo de comparação entre as leituras, mas essa ideia não surgiu exatamente do nada, fomos construindo esse conceito juntos, os alunos e os mediadores e com ajuda de Calvino. Portanto, acreditamos que a experiência da leitura de textos literários podem causar uma transformação no leitor, que não será mais o mesmo após a leitura, tendo em vista que suas emoções, conhecimentos e sensibilidade são atingidas. E essa transformação é capaz de mudar sua forma de perceber, sentir e ver as coisas e o mundo.

Italo Calvino afirma que *“Os clássicos são livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que*

*deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram [...]”* Foi esse trecho que mudou muito minha visão sobre os textos contemporâneos, então pude pensar no círculo de leitura que foi de longe a melhor de toda a Residência. Quando em um encontro que íamos terminar o livro *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo, e eu estava percebendo que os alunos não estavam interagindo tanto, um dos participantes comentou a semelhança com os contos do Geovani Martins do livro *O sol na cabeça*”. Tudo foi se transformando. A estratégia que deu certo não partiu de mim, pois os participantes contribuíram efetivamente para o sucesso da leitura, outra vez voltamos ao conhecimento prévio dos alunos.

Eu já havia tentado levar, sem muito sucesso, Aluísio de Azevedo para as minhas aulas, o que pode ser bastante frustrante para o professor mediador. Superado o fracasso das últimas leituras, lembrei os contos que um aluno havia comentado quando estávamos no fim da leitura do *O Cortiço*, e foi por aí que conseguimos discutir melhor a obra de Aluísio de Azevedo. Como eu já havíamos lido *O Cortiço*, o que foi proposto por mim, foi pedir para que os alunos escolhessem um conto do livro “O Sol Na Cabeça” e que eles identificassem alguma semelhança com a leitura anterior, e depois fizemos um piquenique literário onde cada aluno tinha que dividir o diálogo que eles estabeleceram entre os textos.

Baseando-se na quinta e na sexta tese que abordam os aspectos ao longo do tempo e em uma determinada época, questionou-se se o texto de Aluísio Azevedo de 189, ainda contribuiria para um melhor percepção de alguns temas como os problemas sociais existentes atualmente, e se percebemos que as denúncias que estão no romance de Aluísio ainda são muito semelhantes com os problemas da nossa sociedade, como a pobreza, a corrupção, a formação de moradias em lugares inapropriados e até mesmo o adultério. Ou seja, busquei investigar sobre quais outras questões da atualidade a obra ainda poderia ser significativa e fazer uma ligação com os contos do Geovani Martins. Ao considerar a sétima tese da Estética da Recepção, que aborda o tema da função social da literatura e o seu caráter emancipatório, durante nosso piquenique literário, busquei questionar de que forma o romance possibilita a conscientização do homem na construção de um mundo mais consciente, solidário, mais humano e menos degradante e cruel. Tal como refletimos sobre quais outras

características poderiam estar ligadas a essa emancipação do leitor e como ela seria possível.

Os pontos concernentes à relação entre os leitores e o texto e a questão de como guiar os alunos nesse processo de formação se mostraram evidentes durante esse processo. A relação possível entre o “mundo do aluno” e o “mundo literário” ficou clara durante a realização do nosso piquenique literário, onde fizemos análises e comparações entre o romance *O Cortiço* e os contos de Geovani Martins. Os alunos e a mediadora concordaram que a obra de Aluísio de Azevedo estabelece relações com a contemporaneidade, uma vez que retrata problemas sociais e políticos semelhantes com os que vivenciamos, tanto na nossa sociedade, quanto nos contos do livro *O sol na cabeça* corrupçãoes, exploração da força do trabalho humano, violência, além de tratar de alguns tabus da sociedade, como homossexualidade, prostituição e alcoolismo.

Inovar o ensino de literatura na escola é também papel do professor. Eu, como professora mediadora, busquei explorar a estratégia dos círculos de leitura e as teorias que estão aqui trabalhadas, dentre tudo que foi colocado anterior mente e tudo que ainda pode ser descoberto, o que mais me motivou foi a ideia de compartilhar leitura em um círculo de leitura, uma vez que parecia inimaginável aproximar os estudantes da literatura por meio de uma estratégia “tão simples”. Independente das suas crenças e escolhas como mediador, é importante está sempre inovando, buscando novos meios de tratar aquele assunto que parece já consolidado, engessar seja o conteúdo ou os métodos e estratégias seria exatamente o oposto do proposto nesse projeto. Diante disso, Yunes pondera:

Dentro e fora da escola, crianças e adultos, precisamos reaprender a ler, a reinventar a leitura. E o começo é perceber que não lemos palavras, lemos sequências nas quais as palavras se comunicam, se negam, se contradizem e nos surpreendem: espreitar suas relações, observar suas ambiguidades pode nos tornar mais perspicazes e sensíveis. Viver a aventura da palavra é viajar pelo tempo/espço da humana condição. (YUNES, 2009, p. 58).

Realizar com frequência, seja toda semana, seja a cada quinze dias, intercalando

autores e histórias, é extremamente enriquecedor, tanto para o professor quanto para os estudantes, que descobrirão em cada nova leitura uma surpresa e notarão o quão gratificante é ler com um grupo de pessoas, ouvir o outro ler ou a si mesmo. Como foi dito anteriormente, a Estética da Recepção possibilita uma mudança no ensino de literatura, uma vez que considera o leitor/receptor do texto, como atuante no que tange os caminhos traçados pela narrativa literária. Dentro dos círculos de leitura, as sete teses de Jauss foram bastante exploradas, uma vez que esses dois postulados, teoria da recepção e o círculo de leitura, podem trabalhar em harmonia.

As obras foram lidas por vários alunos, e com isso tivemos diversas perspectivas de compreensão e da mesma maneira que um leitor, ao ler um mesmo texto duas ou três vezes em diferentes momentos da sua vida, compreendera a história de diferentes maneiras, pois existem aspectos que vão mudando o ser humano e sua forma de perceber o mundo, tais como o estágio de maturidade, o conhecimento prévio e o caminho traçado no seu percurso histórico-social. A recriação da obra estética ocorre através do engajamento completo entre o leitor e a narrativa e da cumplicidade deste com o autor. O que ocorre é um embate entre autor e leitor, ou seja, o leitor irá assumir o papel de co-autor.

Quanto à capacidade de co-criação, ela surge para o leitor quando ele aceita fazer parte da ficção, então, ele concorda em participar, encarando a trama ficcional como uma brincadeira, processo esse que conduz o leitor a uma aprendizagem pelo prazer da leitura. Logo, quando penso em ensino de literatura, a Estética da Recepção parece surgir como uma grande aliada do docente, pois é possível que o ensino ocorra de forma menos artificial para o aluno, ou seja, acaba transformando-se em um momento de descontração e lazer em que os alunos podem, no primeiro momento, escolher os livros que os atraem para a leitura e começam a ler sem compromisso. É preciso, em primeiro lugar, adquirir o hábito da leitura, e para isso tentei voltar aos ideias dos pedagogos, ler e compartilhar histórias por meio dos círculos de leitura, e como houve engajamento e boa recepção por parte dos alunos, o caminho para o desenvolvimento cognitivo e o ensino da literatura estava um pouco mais próximo de ser alcançado.

Após terminar o meu projeto na escola, eu espero que a leitura da obra literária, que foi realizada em grupo, e o envolvimento dos alunos com atividades práticas possam

ter auxiliado a recriar esteticamente a obra, assim como o debatê-la com os colegas, e deste modo, possamos ter alcançado o desenvolvimento gradual do gosto pela literatura, e que de algum modo possamos ter dado um passo rumo à emancipação do ser humano.

## **VI - Considerações Finais**

A partir das considerações apresentadas, a Estética da Recepção, o Ensino de literatura na Escola e a prática com os círculos de leitura para trabalhar a literatura na escola, podemos dizer que a leitura, centrada no leitor, é uma das bases fundamentais do indivíduo em formação, bem como o resgate do universo englobado pela educação, por meio de uma perspectiva emancipatória. Os aspectos traçados, tanto os que tratam do papel do mediador, quanto aos que abordam os círculos de leitura, trazem à tona a relevância de trabalhar a leitura literária de maneira criativa e diversificada.

Trabalhar com a formação de novos leitores significa rigor, dedicação e disposição de tempo. Estar disposto a fazer várias leituras dos mais diversos textos, se desprender do clássico quando for preciso, se libertar das amarras que nós mesmo criamos, conhecer novos autores, com o intuito de sempre trabalhar a motivação, seja a do mediador, que é o primeiro leitor, seja a dos alunos, uma vez que a leitura será dirigida a eles. Outro ponto que fica evidente são os desafios que, nós professores, temos para alcançar um bom trabalho no que tange o ensino de literatura. É necessário reconhecer as dificuldades que os professores, de modo geral, apontam. O desinteresse pela leitura, o não gostar de ler, a disputa do livro com os aparelhos eletrônicos, as mídias sociais. Os fatores socioeconômico são alguns pontos que podem ser citados, no entanto, temos que buscar o melhor nessa situação, mudar, apostar no novo, ler e ler mais ainda, praticar, errar, só não podemos ficar justificando as aulas medíocres com esse tipo de desculpa, reconhecer o problema e enfrentá-lo.

Nos postulados apresentados no que tange ao desenvolvimento da prática de leitura em círculos, podemos notar que não existe uma única maneira de realizar essa prática, dado que cada leitura é diferente para cada um e assim ela fluirá de diferentes modos.

Partindo desse pressuposto, podemos dizer que é a partir daí que se estabelecem os círculos de leitura enquanto momento essencial para as tocas e movimentações de ideias. Com isso chegamos nos mediadores, que exercem um papel fundamental, uma vez que precisam unir opiniões, ligar as falas para, assim, demonstrar, a partir das distintas leituras que nascem de um mesmo texto, a amplidão do solo interpretativo que a literatura pode oferecer.

A partir das reflexões apresentadas nesse estudo, é possível repensarmos as nossas práticas em sala de aula, principalmente no que diz respeito aos conteúdos de literatura, e que sempre busquemos novos encaminhamentos metodológicos, com intuito de desenvolver o caráter emancipatório do aluno, e o gosto e o prazer pela prática da leitura. Deste modo, combinando esses direcionamentos com todas as reflexões teóricas desenvolvidas nesse estudo, mostramos que é possível promover os círculos de leitura em sala de aula. Tomando como base a experiência aqui relatada, que demonstra bons resultados tanto no que tange o mediador, quanto os alunos, ainda que com alguns problemas no percurso. Romper com as configurações escolares há muito engessada, retirar o professor da frente da sala e o colocar na posição de mediador, ou seja, de leitor-guia que partilha a felicidade e o amor pela leitura e por uma boa história, já em si um ato revolucionário.



## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5ª ed.. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

PETIT, Michele. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2ª edição, 2013.

YUNES, Eliana. *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados*. Curitiba: Aymará, 2009.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da leitura no Brasil*. 5. ed. 11 set. 2020. Disponível em: [https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a\\_edicao\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_IPL-compactado.pdf](https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPL-compactado.pdf).

COSTA, Márcia Hávila Mocchi da Silva. *Estética da recepção e teoria do efeito*. Atualizado em: 18 Abr. 2011. Disponível em: [http://abiliopacheco.files.wordpress.com/2011/11/est\\_recep\\_teorias\\_efeito.pdf](http://abiliopacheco.files.wordpress.com/2011/11/est_recep_teorias_efeito.pdf).

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

TODOROV, Tzvetan, *A Literatura em Perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 1939.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*, ática, São Paulo,

1993.

ZILBERMAN, Regina. Recepção e leitura no horizonte da literatura, ALEA, Volume 10, Número 1, JANEIRO-JUNHO 2008 p. 85-97.